

UM NOVO OLHAR SOBRE A BAÍA DA BABITONGA

CONECTANDO A BAÍA NO COTIDIANO DAS PESSOAS

Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho de Conclusão de Curso

Acadêmica Juliana Solda
Orientador Samuel Steiner dos Santos

Florianópolis, 2022

Agradecimentos

Agradeço profundamente a Deus por ter me colocado em um caminho de muito aprendizado e conquistas, a minha família por todo o suporte oferecido durante os anos da minha graduação para que eu conseguisse realizar esse sonho.

Aos professores, servidores e colegas que sempre estiveram presentes e contribuíram para minha formação acadêmica, mas também como indivíduo. O convívio com a arquitetura despertou um olhar mais sensível para os ambientes e os grupos de pessoas ao meu redor, pois na sua essência a arquitetura e urbanismo, se trata disso, de pessoas.

Agradeço à universidade pelas histórias proporcionadas e pelas pessoas incríveis que tive oportunidade de conhecer, em especial as amizades que surgiram ao longo da minha graduação e que me apoiaram tanto na minha formação.

Um agradecimento especial ao orientador que soube me direcionar mesmo quando eu não sabia para onde eu estava indo. Ao seu Almir Fritzke por oferecer seu barco e me mostrar a Baía por dentro e me enriquecer com suas histórias. As minhas amizades de Joinville por me ajudarem nas minhas visitas a campo e compartilharem suas análises comigo. E ao Mateus, presidente da Associação Projetando Felicidade, por disponibilizar informações ricas acerca da comunidade Vigorelli. Suas visões agregaram muito no meu trabalho.

Resumo

Este trabalho trata da Baía da Babitonga e de sua importância estruturante para fomentar atividades de lazer, conectividade e economia para a região, mas também para preservar a história e a riqueza da fauna e flora existente nesse meio.

Para melhor compreender as dinâmicas em uma escala do cotidiano das pessoas, é apresentado um pequeno recorte da comunidade Vigorelli, que faz margens a Baía na região leste de Joinville, entendendo melhor a importância da Baía para uma escala regional, mas também para uma escala de bairro.

Palavras-chave: Baía da babitonga; paisagem urbana; preservação, manguezal, lazer, vigorelli.

Tema: Desenho urbano



Imagem 1: Vista para a Baía da Babitonga. Foto: Yara de Mello



Imagem 1: Colônia de biguás. Foto: Marsemfim

Sumário

Agradecimentos.....	2	Parte III - Olhando mais de perto: um estudo de caso sobre a Vigorelli.....	18
Resumo	2	Justificativa	18
Sumário.....	3	A Vigorelli.....	18
Apresentação, objetivos e metodologia	4	Levantamento da Situação Atual da Comunidade Vigorelli	21
Parte I - Olhando para a Baía da Babitonga.....	5	Mapa elaborado pela autora.....	21
Localização	5	Tabela de Problemáticas, Potencialidades e Diretrizes para a Comunidade Vigorelli	22
A Baía e as questões ambientais.....	6	Implantação Esquemática.....	22
Levantamento Ambiental.....	8	Mapa de Diretrizes para a Comunidade Vigorelli	23
Tabela Síntese das Problemáticas e Potencialidades.....	8	Hierarquia das Ruas e Perfis de Rua	23
A Baía e o histórico de ocupação	9	Esquemas para os perfis das ruas	24
Levantamento Histórico-Cultural	10	Mapa de Diretrizes para a Comunidade Vigorelli	25
Tabela Síntese das Problemáticas e Potencialidades.....	10	Ambiências Propostas	26
Levantamento Urbano.....	12	Considerações Finais	27
Mapa elaborado pela autora.....	12	Referências Bibliográficas	28
Tabela Síntese das Problemáticas e Potencialidades.....	12		
A Baía e as atividades socioculturais	13		
Levantamento Sociocultural.....	15		
Mapa elaborado pela autora.....	15		
Tabela Síntese das Problemáticas e Potencialidades.....	15		
Parte II - Um novo olhar: Diretrizes para a escala regional	16		
Mapa Síntese - dimensões de estudo sobrepostas.....	16		
Mapa elaborado pela autora.....	16		
Diretrizes Propositivas para escala Regional.....	16		
Diretrizes	16		
Proposta de linhas áquaticas	17		

Apresentação, objetivos e metodologia

O elemento água sempre esteve presente na minha vida, cresci em uma ilha na cidade de Joinville rodeada pelos manguezais, depois me mudei para a ilha de Florianópolis, rodeada de incríveis paisagens. E eu que sempre fui amante das paisagens naturais, de alguma forma quis trazer esses elementos para meu trabalho. Minhas angústias iniciais nasceram justamente por crescer próxima da Baía da Babitonga mas vê-la tão distante do meu cotidiano, pois são poucos os lugares que possuem uma visão para paisagem, e as que possuem, não oferecem estrutura para usufruir de uma experiência maior com Baía.

A Baía da Babitonga é conhecida por suas paisagens, pela diversidade marinha, pela sua grande área de manguezal, pelo seu potencial marítimo, pela pesca tradicional e também pelo patrimônio histórico, os sambaquis e as construções históricas de São Francisco do Sul. Para MAIA e XAVIER (2018) é considerada uma área marítima privilegiada, por permitir acesso e porto seguro no litoral catarinense durante muitos séculos, tendo um papel fundamental no processo de povoamento e de desenvolvimento socioeconômico da região norte e nordeste de Santa Catarina.

Com o objetivo de aprofundar mais sobre a Baía da Babitonga e entender melhor suas dinâmicas com o entorno, optou-se por estudar a relação das 3 principais cidades que tem uma ligação direta com a Baía, mas também que possuem trocas importantes entre si, que são as cidades de Itapoá, Joinville e São Francisco do Sul. No passado, essas cidades se desenvolveram devido a navegabilidade dos seus cursos, utilizados como rotas para a prática de trocas comerciais, tornando-se obsoleta a partir da abertura das vias terrestres. A conexão aquática se perdeu, mas a troca entre as cidades continuou: Joinville oferecendo trabalho, saúde e educação superior; São Francisco do Sul oferecendo opções de lazer; e Itapoá, uma cidade em desenvolvimento e que necessita dos serviços disponíveis nas cidades vizinhas, mas conforme seu crescimento avança, também oferece opções de lazer.

A água, antes um elemento que unia e aproximava as margens, se tornou um elemento segregador. Por isso, este trabalho busca usar a Baía como um elemento de conexão, para: aproximar as pessoas à natureza e à história; facilitar a mobilidade por meio da água; identificar e criar mecanismo de preservação de bens históricos e naturais; promover e consolidar atividades de lazer, culturais e socioeconômicas; propor soluções para a melhorar a infraestrutura da orla.

De modo a compreender melhor a história, cultura e dinâmica espacial da população em relação ao ambiente da Baía da Babitonga serão analisadas revisões bibliográficas e realizado um levantamento perceptivo com o objetivo de identificar, categorizar e mapear as atividades que ocorrem tanto nas bordas da Baía como no seu interior.

O trabalho está dividido em 3 partes, na primeira parte está a análise da Baía da babitonga, onde as camadas de estudo são analisadas, apresentando atividades que já acontecem na Baía, assim como no interior de cada cidade, sintetizando em uma tabela as potencialidades e problemáticas de cada camada. Na segunda parte, apresento uma análise extraída desses levantamentos com a qual eu lanço diretrizes gerais em uma escala regional, trazendo uma proposta de trajetos para área. Finalizando, na parte 3, faço um recorte de uma área da Baía da Babitonga, onde busco aplicar as diretrizes da escala regional neste recorte, como também propor diretrizes específicas mais sensíveis a escala e ao histórico do local.



Barreiras naturais e necessárias de manguezais que obstruem a vista para a Baía da Babitonga

Imagem 3: Rua Baltazar Buschle, Espinheiros, Joinville.

Fonte: Google Maps



Sem estrutura para a permanência e apreciação da paisagem

Imagem 4: Avenida Lindolfo Freitas, Vila da Glória, São Francisco do Sul.

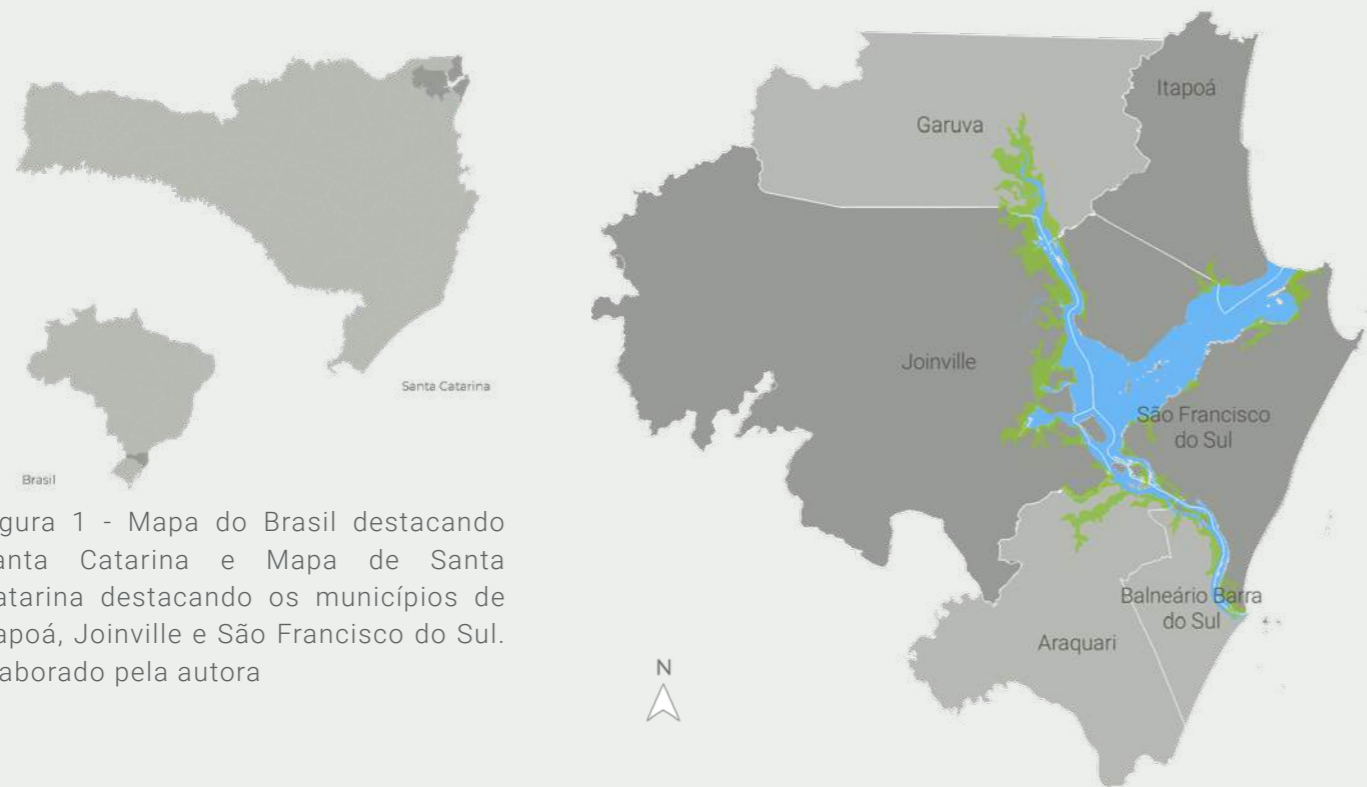
Fonte: Google Maps

Parte I - Olhando para a Baía da Babitonga

Localização

A Baía da Babitonga está localizada no litoral norte de Santa Catarina, cercada pelos municípios de Itapoá, Joinville, São Francisco do Sul, Garuva, Araquari e Balneário Barra do Sul, possuindo uma área total de 160 km², com profundidade média de 6 metros, podendo atingir 27 metros em alguns locais, como no canal de acesso ao Porto de São Francisco do Sul.

Na Baía da Babitonga encontramos a maior área de manguezal existente em Santa Catarina, onde se concentram 75% do total desse ecossistema no estado, com área estimada em 59,94 km² (IBAMA, 1998 apud BABITONGA ATIVA, 2017). O setor que segue ao norte, denominado Palmital, possui a maior e mais exuberante área de manguezal com uma área de 45,37 km² (MMA, 2018 apud BABITONGA ATIVA, 2017). A área conta também com várias ilhas e lajes expostas, possuindo cerca de 24 ilhas catalogadas e uma extensa rede hidrográfica. Dentre as ilhas que são ocupadas ou que possuem algum atrativo, podemos citar: a Ilha do mel, a Ilha da murta, a Ilha grande, a Ilha corisco, a Ilha da Rita e a Ilha das Flores, esta última é que recebe mais visitantes, devido a sua pequena faixa de areia.



A Baía e as questões ambientais

A Baía da Babitonga possui um dos recortes mais notáveis de ecossistema dos manguezais do sul brasileiro, sendo caracterizado como um sistema estuarino, ou seja, um ambiente aquático de transição entre um rio e o mar, que sofre as influências das marés, apresentando águas doces próximas da sua cabeceira e águas salobras próximo da sua desembocadura.



Imagem 7: Setorização da Baía da Babitonga. Fonte: MMA, 2018)

A Baía pode ser dividida em três setores, sendo um deles compreendido pela Baía propriamente dita (Setor Principal), que recebe águas dos dois outros setores, um que fica localizado ao norte, denominado setor Palmital e outro ao sul, compondo o setor Linguado, que separa a ilha de São Francisco do Sul da parte continental, desaguardo também no balneário Barra do Sul. Na face leste da ilha de São Francisco do Sul, voltada para o Atlântico, está localizada a Parque Estadual Acaraí, que protege parte da mata seca de restinga remanescente e um pequeno trecho de bosques de mangue existente às margens de um rio. (MMA, 2018).

As florestas de manguezais são consideradas muito importantes por servirem de áreas de descanso, alimentação e reprodução para fauna diversa (aves, moluscos, crustáceos, peixes e répteis) e também por contribuir com nutrientes, principalmente através da queda das folhas, para os ambientes no entorno, sustentando as cadeias alimentares costeiras (TIENGO, 2017). Além disso, os manguezais servem de proteção da linha de costa, pois a vegetação funciona como barreira, evitando a erosão gerada pela maré e por processos eólicos; por sua vez, as suas raízes servem de filtro, bloqueando os sedimentos orgânicos carregados pelos rios, que se aderem ao substrato do manguezal, e também filtrando o lixo que vem através dos oceanos, mantendo condições ideais para o abrigo de inúmeras espécies. Nos manguezais, em geral, encontram-se comumente três espécies de árvores de mangues, *Rhizophora mangle*, típica do mangue vermelho; *Laguncularia racemosa*, típica do mangue branco e as espécies do gênero *Avicennia*, como a *Avicennia schaueriana* e *Avicennia germinans*, típicos do mangue preto.

Segundo MOSER (2017), a maior parte da fauna do manguezal vem do ambiente marinho, sendo encontrados:

moluscos, como ostras, crustáceos, como caranguejos, siris e camarões e várias espécies de peixes. Do ambiente terrestre provém as aves, como garças, guarás, mergulhões e gaivotas; os répteis, como cágados e jacarés, anfíbios, como sapos, jias e rãs; os mamíferos, como morcegos, macacos, guaxinins e capivaras; e ainda alguns insetos, como mosquitos, mutucas e abelhas. Há também a fauna microscópica, que apresenta incontestável valor na cadeia alimentar, composta por micro crustáceos, vermes, moluscos, larvas de camarões, de caranguejos, de peixes, dentre outros.

Entre as espécies presentes na Baía da Babitonga, destaco a Toninha (*Pontoporia blainvillei*), sendo a única espécie de golfinho em ameaça de extinção no Brasil, e possivelmente a mais ameaçada da América do Sul. As toninhas vivem apenas na costa leste da América do Sul e preferem águas profundas de até 50 metros, portanto não é comum viverem em estuários ou ambientes mais protegidos, sendo a Baía da Babitonga e do Rio da Prata umas das raras exceções. Na cidade de São Francisco do Sul se localiza a sede do Projeto Toninhas que monitora a espécie na região da Baía da Babitonga.



Imagem 8 Toninha (*Pontoporia blainvillei*), espécie em extinção; Guará no manguezal e catador com um Caranguejo-uçá

A fim de preservar e proteger características importantes de ecossistemas, habitats e populações, no ano de 2.000 o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), cria o conceito de Unidades de Conservação (UC) a partir da Lei nº 9.985. Porém é possível visualizar um déficit de proteção na região da Baía ao olhar para os ecossistemas aquáticos e marinhos. "(...) atualmente com duas UCs estaduais e nove municipais; porém, apesar do número aparentemente grande, todas apresentam áreas pequenas (a maior parte com menos de 5.000 ha), localizadas em sua maioria no município de Joinville, sendo que praticamente não abrangem a porção marinho-estuarina" (SERAFINI, 2012, p. 61 apud BABITONGA ATIVA, 2017).

Em toda a região do município de Joinville, é possível identificar nove UCs, entre elas: o Parque Ecológico Prefeito Rolf Colin; a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Morro do Amaral; a Estação Estadual Ecológica do Bracinho; o Parque Municipal Morro do Finder; a Área de Relevante Interesse Ecológico do Morro Boa Vista; a Reserva Particular do Patrimônio Natural do Caetezal; o Parque Natural Municipal da Caieira; o Parque Municipal Zoobotânico e a APA Serra Dona Francisca. Já a cidade de Itapoá possui o Parque Natural Municipal Carijós (39,76 ha), criado em 2011, e a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Fazenda Palmital (1.186 ha). São Francisco do Sul apresenta o maior número percentual de seu território em áreas que contam com a proteção de UCs, cerca de 13,38%, que correspondem a RPPN Morro da Palha e o Parque Estadual do Acaraí (6.667 ha, incluindo o arquipélago Tamboretas).

Devido a crescente atividade do ser humano, o manguezal existente na Baía da Babitonga, vem sofrendo modificações na sua qualidade quanto ao seu ecossistema e também uma intensa redução em seu tamanho de cobertura. Dentre as atividades que impactam negativamente o ecossistemas, podemos destacar os aterros ocorridos pelas ocupações irregulares e desenfreadas que aconteceram na década de 1970 (MOSER, 1993).

Conforme Joinville se tornou uma cidade reconhecida por suas indústrias, a atração de novos moradores que migraram para a cidade a fim de procurar oportunidades de trabalho - principalmente na área que corresponde ao leste de Joinville - desencadeou um crescimento populacional desenfreado sem que o número de moradias disponíveis acompanhasse esse aumento de demanda habitacional. Toda essa problemática acontecendo em paralelo com a rápida industrialização da região, fez com que os rios recebessem uma enorme quantidade de lixo e resíduos, tanto das indústrias quanto das moradias que careciam de sistema de tratamento de esgoto adequado. Além do crescimento populacional e industrial de Joinville, o despejo de esgoto, lixos e, muitas vezes, até de óleo provenientes das instalações portuárias localizadas em São Francisco do Sul e Itapoá também prejudicam a qualidade do ecossistema da região.

Outro acontecimento que contribuiu para a poluição do ambiente marinho de toda a região, foi no ano de 1935 quando houve o fechamento do canal do Linguado - localizado no setor sul da Baía - para que fosse construída uma linha férrea que anos depois deu lugar a BR-280. Essa obstrução da circulação hidrológica acarretou ao longo dos anos um acúmulo de sedimentos, provocando o assoreamento em algumas localidades da Baía da babitonga. (DNIT, IME, 2004 apud BABITONGA ATIVA, 2017).

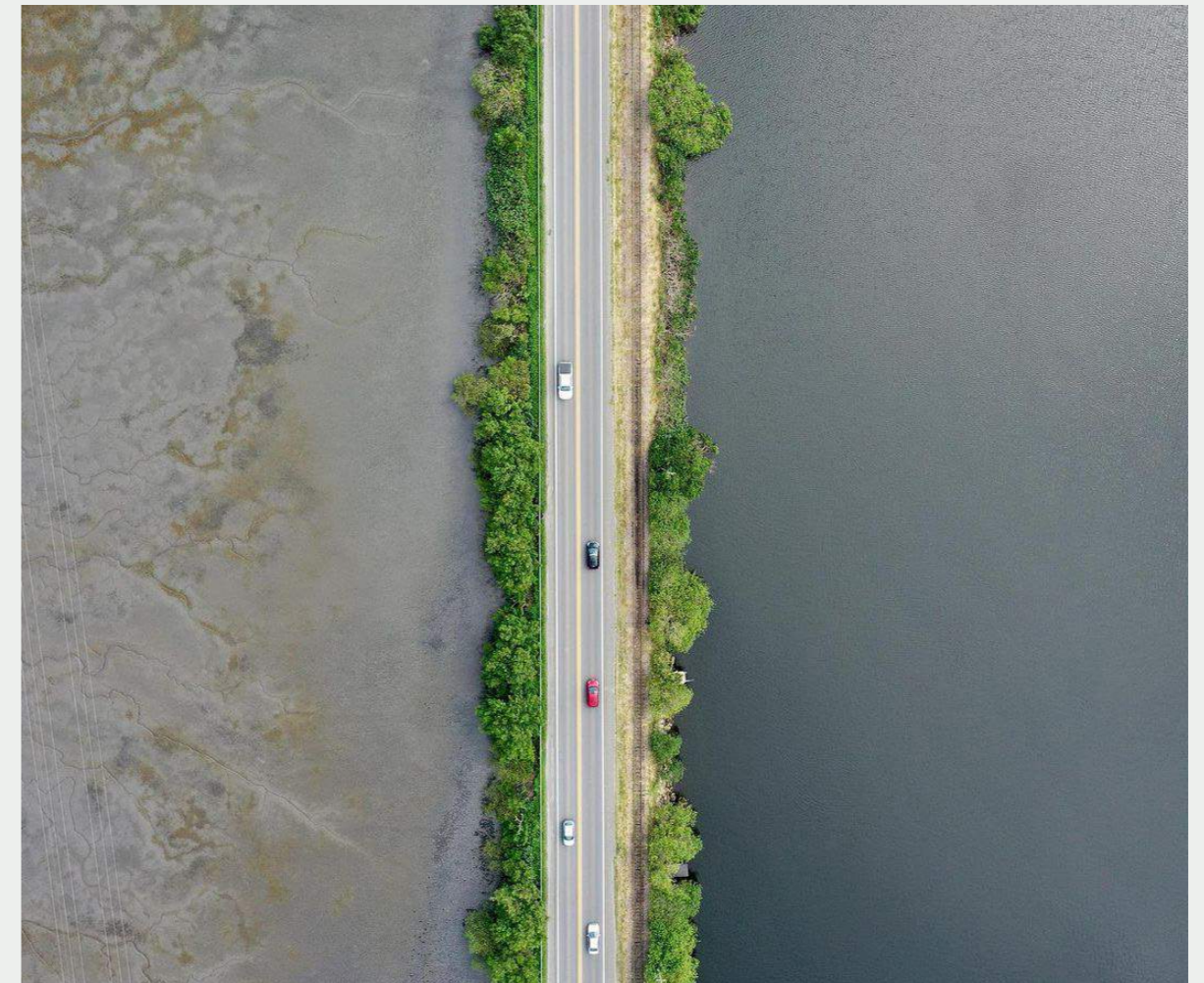


Imagem 09: Aterro do canal do Linguado e o acúmulo de sedimentos no lado voltado para Joinville. Foto: Yara de Mello



Imagem 10: Porto de São Francisco à esquerda e despejo de lixo nos manguezais à direita.

Levantamento Ambiental

Mapa elaborado pela autora.



Tabela Síntese das Problemáticas e Potencialidades

Problemáticas
Poluição provinda do Rio Cachoeira
Poluição provinda das residências próximas sem tratamento de esgoto
Poluição Portuária;
Poluição Industrial
Entulhos nas margens;
Assoreamento;
Variação de Maré, alagamentos.

Potencialidades
Vegetação abundantes;
Diversidade na fauna;
Existência de fiscalização;
Visual paisagístico,
Presença de Cachoeiras e rios.
Unidades de Preservação.

LEGENDA

- Ilhas
- ▲ Picos e Morros
- ☀️ Praias
- 🌊 Cachoeiras
- Hidrografia
- Unidades de Conservação
- Manguezal
- ▭ Limite da Baía da Babilonga
- ▭ Limites Municipais

A Baía e o histórico de ocupação

Ao analisar os estudos arqueológicos da região, é possível afirmar que o seu processo de formação sócio-espacial dita de muito antes da ocorrência de fatos históricos importantes, como o descobrimento do Brasil no ano de 1500 e toda a colonização que ocorreu após esse fato. Estudos arqueológicos em sambaquis da região evidenciam a presença de comunidades de caçadores e coletores há mais de cinco mil anos, assim como o registro da ocupação da Baía por grupos indígenas chamados Carijós (da nação Tupi-guarani), nos séculos XV e XVI (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE, 2017).

Os povos pré-colombianos que viveram no local, conhecidos como sambaquianos ou sambaqueiros carregam grande relevância para o estudo histórico da região. Esses habitantes viveram na Baía entre cerca de 6 mil e 1 mil anos atrás, até o seu desaparecimento. Devido à base de sua alimentação se tratar basicamente de crustáceos, todo o rejeito das conchas desses animais acabou formando grandes montanhas a partir destes aglomerados de descarte. Essas montanhas, que receberam o nome de sambaquis (em Tupi significa "monte de conchas"), podem chegar a mais de 30m de altura e 400m de comprimento. Estudos na região mostram que provavelmente este povo utilizava os sambaquis como abrigos - por vezes temporários - e também como cemitérios. Todo o legado arqueológico que esses habitantes deixaram é muito valioso, sendo possível contabilizar mais de 170 sítios de sambaquis na área da Baía da Babitonga, configurando a maior concentração preservada desses aglomerados em todo o litoral do Brasil. Com o desaparecimento dos povos pré-colombianos, foi a vez dos indígenas utilizarem os sambaquis para benefício próprio, unindo a cerâmica às conchas. E anos mais tarde, após a colonização europeia, o calcário dessas conchas passou a ser utilizado como matéria-prima para pavimentação de estradas e em outras construções. Após o desaparecimento de diversos sítios pelo litoral brasileiro devido ao crescimento e desenvolvimento das cidades, apenas no ano de 1961 que os sítios de sambaquis foram protegidos legalmente no Brasil.

Esses sítios carecem de uma infraestrutura básica de visitação, tais como: acesso, sinalização informativa, delimitação de áreas vulneráveis, entre outras. Como estas áreas carecem de delimitação e cercamento, encontram-se suscetíveis a impactos antrópicos diversos, inclusive o trânsito de veículos motorizados sobre as áreas expostas dos sambaquis.

Além da intensa relação com os sambaquis, a Baía da Babitonga teve um relevante papel na história do Brasil, principalmente no processo inicial da ocupação do território que hoje corresponde ao estado de Santa Catarina. Desde os primeiros anos subsequentes ao descobrimento do Brasil em 1500, esta Baía já era conhecida e utilizada por embarcações, devido às suas excelentes condições geográficas e estratégicas. Estas características geográficas contribuíram para a descoberta da Ilha de São Francisco do Sul em 1504 pelo francês Binot Paulmier de Gonneville (atualmente considerada a terceira cidade mais antiga do Brasil). Mas, o povoamento efetivo da cidade só aconteceu a partir de 1658, com a chegada de Manoel Lourenço de Andrade trazendo consigo sua família e uma leva de escravos (CIASC, 2007 apud MAIA E XAVIER, 2008). Com isso, no século XVII e XVIII há a colonização açoriana e a expansão comercial da Vila da Nossa Senhora da Graça de São Francisco (Vila da Glória), devido em parte à sua característica geográfica de porto natural da região. Ainda no século XVIII, com as colonizações portuguesas, a Vila da Glória passa ao status de Colônia e se torna o Município de São Francisco do Sul em 15 de abril de 1847, intensificando a expansão territorial que se espalha pelo litoral do nordeste catarinense. Em 1842, a localidade de Saí, às margens norte da Baía, foi palco de uma das experiências sociais pioneiras do mundo, o Falanstério do Saí (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE, 2007). Esta experiência, baseada nas doutrinas de Charles Fourier contou com colonizadores franceses sem obter maiores resultados, hoje existem apenas vestígios. São Francisco considerou a Baía como extensão abrangendo os dois lados do continente. A Baía foi tão importante que não se fechou apenas ao seu limite territorial, a área de São Francisco abraçou a Baía e avançou pelo continente.

Somente no século XIX os primeiros imigrantes alemães chegaram a entrar pelo Rio Cachoeira para colonizar as terras que antes eram do Príncipe de Joinville, Francisco Fernando Filipe Luís Maria de Orléans, e sua esposa Dona Francisca de Bragança, filha de D. Pedro I, e que foram negociadas com a Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Esta localidade conhecida como colônia Dona Francisca passou a ser chamada mais tarde de Joinville (1851). Planejada para a produção agrícola, mas com a forte influência do modo de produção capitalista trazida da Europa pela experiência alemã, Joinville evoluiu da

agricultura, para os modos de produção artesanal, comercial e industrial, sendo hoje, a cidade com o maior pólo industrial catarinense. Ao final do século XIX até meados do século XX Joinville tornou-se um importante centro de fluxo comercial, com produtos exportados para todo o mundo.

O fluxo ocorre através do Rio Cachoeira que desemboca na Baía da Babitonga, principal escoadouro da produção comercial e industrial até a década de 1970 quando as rodovias são ampliadas e os veículos foram substituindo o tráfego de embarcações.

Na atualidade, como exemplo de importância da Baía para formação de cidades, temos a cidade de Itapoá (1989), que antes da emancipação, teve seu território como parte de São Francisco do Sul. Mas devido ao fortalecimento das ligações por terra e a dificuldade da administração de São Francisco em atender às necessidades da população, resultou na formação de um movimento popular para a emancipação. Apesar de se tratar de uma cidade com origem recente, sua administração vem se desenvolvendo muito ao longo do anos, e uma boa parcela desse crescimento vem por seu território abranger uma parcela privilegiada da Baía, que possui condições seguras e facilitadas para a atracação de embarcações de grande porte. A população urbana de Itapoá está concentrada no litoral e já representava 82% do total no ano de 1991 e tendo crescido para 96% em 2010. O aumento populacional de Itapoá ocorreu ao longo da década de 1990 com o asfaltamento da rodovia PR-412 e a consolidação do turismo de sol e mar neste município por meio da migração de paranaenses, aposentados e outras pessoas atraídas pelo comércio. Entre 1991 e 2010 a população de Itapoá mais do que triplicou, passando de 4.007 pessoas para 14.763, com picos de até 200.000 habitantes na alta temporada em função do turismo (TGB-ACQUAPLAN, 2014).



Imagem 11: Pescador encontra ossadas humanas em sambaqui de uma ilha da Baía da Babitonga.

Levantamento Histórico-Cultural

Mapa elaborado pela autora.



Tabela Síntese das Problemáticas e Potencialidades

Problemáticas
Sambaquis sem sinalização
Sambaquis em situação de degradação
Ruínas do falanstério sem sinalização
Potencialidades
Possibilidade de criar roteiros voltados para o ecoturismo e histórico-cultural

LEGENDA

- Atividade Cultural
- Museu
- Patrimônios Históricos
- Projeto
- Sambaquis
- Perímetro Histórico-Cultural
- Unidade de Conservação

A Baía e as questões urbanas e de mobilidade

Joinville é uma cidade cujo nascimento e desenvolvimento se deu inicialmente às margens do Rio Cachoeira, principal via de acesso à cidade até o início do século XX. Foi nele que desembarcaram os primeiros imigrantes que deram início a colonização da Vila Dona Francisca, que mais tarde recebeu o nome de Joinville. Porém, o crescimento cada vez maior no uso de vias terrestres, acabou por tornar quase obsoleta a prática de locomoção por via aquática. Além do investimento para fortalecer o deslocamento por terra, outros fatores também auxiliaram nesse processo de diminuição no uso dos rios para o transporte: o fechamento que ocorreu do Canal do Linguado em 1935 para a construção de uma linha férrea e de uma rodovia que acabaram por segregar os dois lados do canal; e o assoreamento de pontos importantes da Baía e do Rio Cachoeira fez com que o tráfego - mesmo que de pequenas embarcações - fosse dificultado e em diversos locais até mesmo impedido.



Imagem 12: Rio Cachoeira Joinville/SC

Atualmente, é possível encontrar serviços públicos que realizam o transporte coletivo com o uso de travessias de automóveis e seus passageiros por meio de balsas operando entre Joinville e São Francisco do Sul (rota intermunicipal) e entre Laranjeiras e Estaleiro (rota intramunicipal em São Francisco do Sul). Essas embarcações funcionam com itinerário fixo em terminais portuários, contando com cerca de 35 funcionários diretos. Já o transporte exclusivo de passageiros, é realizado em dois itinerários, um fazendo a rota intermunicipal de São Francisco do Sul até Itapoá e outro intramunicipal da Vila da Glória - Centro Histórico. Ambos na cidade de São Francisco do Sul. Essa linha intermunicipal está

em ativa desde 2016 e emprega diretamente 04 funcionários, além de gerar empregos indiretos para a manutenção mecânica necessária para as embarcações e também o seu armazenamento fora dos horários de rota. Antigamente existia também uma linha fazendo conexão entre Joinville e São Francisco do Sul, porém não há notícia acerca da sua reabertura.

No interior da Baía da Babitonga, existem em funcionamento atualmente dois terminais, um de uso público especializado no transporte de granéis e derivados de metal (Porto de São Francisco do Sul), e outro restrito para uso privado com foco no transporte de cargas containerizadas (Porto Itapoá). Há também o Terminal Graneleiro da Babitonga (TGB), terminal privado com foco em exportação de produtos provenientes do agronegócio brasileiro, que já recebeu licença de instalação na região.

A presença dos portos na região, acaba gerando um alto fluxo de caminhões entrando e saindo dos locais para carga e descarga de carregamentos, gerando congestionamentos na única rodovia que dá acesso à Ilha de São Francisco do Sul, a BR-280, rodovia essa que ainda está em processo para a conclusão de sua duplicação. Esta problemática é agravada pela passagem de uma ferrovia pelo centro da cidade, que cruza várias vias urbanas, gerando interrupções constantes no tráfego de veículos também em Araquari (BABITONGA ATIVA, 2017).

Outro fato importante a ser considerado durante a análise da mobilidade da região, é o fenômeno de migração pendular que existe entre as cidades de Joinville e São Francisco do Sul. Muitos residentes de São Francisco do Sul, vem diariamente à Joinville por motivos de trabalho ou educação, e o fluxo inverso também acontece nos finais de semana quando os residentes de Joinville procuram São Francisco para passar o dia ou frequentar casas de veraneio. Os residentes de Itapoá, por sua vez, procuram as cidades vizinhas em busca de serviços, como saúde, variedade comercial e cultura.

Importância do resgate do transporte fluvial

Segundo estudos do Plano Municipal de Gerenciamento Costeiro de Joinville (PMGC JOINVILLE):

O resgate da atividade de transporte de passageiros por via fluvial/marítima na verdade se constitui numa ação de governo, e a oferta desta modalidade de transporte será mais um meio de transporte alternativo que facilitará o deslocamento das comunidades residentes na área de influência da Baía da Babitonga. Além da demanda natural dessas pessoas por esta modalidade, deve-se acrescentar que a implantação da linha de transporte fluvial/marítimo entre Joinville e São Francisco do Sul permitirá o fácil e seguro deslocamento de pessoas provenientes da região norte do Estado para as praias existentes no entorno da ilha de São Francisco ou, sazonalmente, para lá se deslocarem em época de veraneio. Tal modalidade permitirá também que após a implantação do empreendimento, as necessidades de deslocamento venham a ocorrer de modo a se evitar ou reduzir os congestionamentos na BR-470, no trecho entre a BR-101 e a cidade de São Francisco do Sul.

Valorizar as potencialidades acerca do retorno do tráfego de passageiros utilizando as águas de toda a região, poderá trazer um novo olhar sob a imagem do município. Favorecendo ações de revitalização nos entornos que ganharão maior frequência de passagem, em decorrência da utilização dos serviços de transporte. Para tudo isso, o processo de limpeza e despoluição do Rio Cachoeira é uma ação de grande importância em termos de revitalização, entretanto tal ação deve ser abordada no contexto do Plano de Gestão.

Levantamento Urbano

Mapa elaborado pela autora.



Tabela Síntese das Problemáticas e Potencialidades

Problemáticas

Ocupação em situação irregulares;
Pouca conectividade entres as centralidades;
Poucas modais de transporte;
Linhas urbanas não são integradas;
Baltimetria baixa em alguns trechos, impedindo a navegabilidade de grandes embarcações;
Pouca estrutura no acesso às ilhas.

Potencialidades

Grandes cursos de água para oferecer transporte fluvial;
Migração pendular presente entre as cidades de Joinville e São Francisco do Sul;

LEGENDA

- Aeroportos
- Balsas
- Centro de Convenções
- Hospitais
- Portos
- Rodoviárias
- Universidades
- Zona Industrial
- Balsa/Ferry Boat
- Trajetos Transporte Aquaviário
- BR-101
- Vias Intermunicipais
- Vias Locais
- Parques
- Grandes Centros
- Pequenos Centros
- Ocupação Irregular

A Baía e as atividades socioculturais

"Ao se relacionar com a natureza e com os outros homens, o ser humano produz cultura ou seja, cria bens materiais, valores, modos de fazer, de pensar, de perceber o mundo, de interagir com a própria natureza e com os outros seres humanos, que constituem o patrimônio cultural construído pela humanidade ao longo de sua história" (QUINTAS, 1992 apud MANGUEZAIS: EDUCAR PARA PROTEGER, 2001).

Segundo TIENGO (2017), os manguezais possuem importância cultural, consistindo em áreas de recreação, lazer e turismo, podendo assim apresentar e agregar ainda mais valor para a sociedade humana que se relaciona com estes ambientes. A Baía da Babitonga se caracteriza por esses elementos possuindo diversas ilhas e praias propícias ao turismo de sol e mar, para a prática da pesca de recreação/esportiva, atividades náuticas, ecoturismo e turismo de aventura. A pesca recreativa/esportiva ocorre de três formas no Ecossistema Babitonga: (i) na pesca desembarcada praticada em praias e costões; (ii) na modalidade de pesca subaquática, realizada no entorno das ilhas da porção marinha e; (iii) na pesca embarcada, tanto dentro quanto fora da Baía. (BABITONGA ATIVA, 2017). Já nas atividades náuticas podemos citar as práticas motorizadas como os passeios de jet ski, barcos, lanchas, iates e veleiros, já como exemplo dos não-motorizados, a práticas de stand up paddle, canoagem, mergulho, remo, kitesurf, windsurf e wakeboard. Outra atividade do setor é a realização de passeios em escunas. O passeio mais conhecido é o realizado entre Joinville (Portal do Mar – Localidade Espinheiros e São Francisco do Sul (Centro Histórico). Há também escunas de menor porte que aportam no centro histórico de São Francisco do Sul e no trapiche defronte ao Porto de Itapoá. No meio terrestre podemos encontrar o cicloturismo e as trilhas como principais exemplos de turismo sustentável.

Por se tratar de um arquipélago formado por 24 ilhas, a Baía mostra forte relação econômica com o turismo. Apresenta uma grande oferta de praias, sendo base para o chamado "turismo de sol e mar", principalmente com a prática de esportes náuticos. Não tão relevante economicamente, mas ainda sendo importante citar, observa-se a ocorrência de pesca artesanal na região.

Além de toda a sua relevância estética, a região também é amplamente importante ecologicamente. Por apresentar uma grande gama de habitats - recifes rochosos, planícies de maré, manguezais e praias -, é conhecido por se tratar de um local importante para reprodução e alimentação de espécies como as toninhas e botos-cinza, ambas espécies ameaçadas de extinção.

A Baía também é vista como a maior produção de camarão branco de toda a região. Atividade que além de sua grande importância ecológica, também movimenta práticas de atividade pesqueira, de turismo e de recreação, compartilhadas por moradores de praticamente todos os municípios do entorno da Baía.

Apesar dos impactos negativos provenientes do processo de produção industrial da região e dos resíduos gerados pelos portos, hoje o município de São Francisco do Sul possui um dos mais importantes portos em fluxo de mercadorias do país. A Baía também representa o sustento das comunidades pesqueiras locais, que distribuem os pescados para os restaurantes locais e mercados. Os principais pontos gastronômicos configurados por serviços realizados por restaurantes locais se localizam, em São Francisco do Sul, no Centro Histórico e na Vila



Imagem 13: Praias de Itapoá



Imagem 14: Praias de São Francisco do Sul

da Glória, já em Joinville, suas práticas ficam concentradas na Vigorelli e no Bairro Espinheiros. As comunidades pesqueiras mais expressivas da Baía Babitonga são as de: Itapema do Norte e Pontal-Figueira em Itapoá; Barrancos em Garuva; Vigorelli e Morro do Amaral em Joinville; Zona Central em Araquari; Zona central em Balneário Barra do Sul; e Enseada, Iperoba, Paulas, Praia do Lixo e Estaleiro-Frias em São Francisco do Sul (Serafini 2012 apud BABITONGA ATIVA, 2017)

Segundo os estudos realizados pela Babitonga Ativa (2017), classificou os usuários diretos do Ecosistema Babitonga em cinco grupos (i) pesca artesanal, (ii) maricultura, (iii) transporte aquaviário, (iv) operadores de turismo e lazer e (v) mineração.

Para MAIA e XAVIER (2008) o futuro da Baía da Babitonga é incerto, mas apresenta tendências desfavoráveis à vida do ecossistema e das comunidades que precisam da Baía para seu lazer e suas atividades econômicas, caso não sejam tomadas medidas de controle que visem à prevenção e desenvolvam uma maior consciência ecológica da população local.

Pode-se observar, portanto, que a Baía da Babitonga com suas importantes características em relação a sua geografia natural, contribuiu e continua contribuindo para o desenvolvimento de Santa Catarina.

Porém, devido ao crescimento cada vez maior dos números que mostram a intensa exploração ambiental em favor dos interesses meramente capitalistas, já é possível ver sinais de “exaustão ambiental” na Baía. Seu futuro é incerto, mas tendências desfavoráveis vem despontando, trazendo prejuízos não apenas em relação à vida dos ecossistemas da região, mas também das comunidades locais que necessitam da Baía para suas atividades econômicas e de lazer. É necessário que medidas visando a prevenção de controle sejam tomadas e que com isso, desenvolvam uma maior consciência ecológica da população.



Imagem 15: Centro Histórico, São Francisco do Sul



Imagem 16: Pratos típicos na Vila da Glória, São Francisco do Sul

Levantamento Sociocultural

Mapa elaborado pela autora.



Tabela Síntese das Problemáticas e Potencialidades

Problemáticas
Ilhas sem suporte turístico;
Falta de sinalização educativas sob os aspectos ambientais e históricos;
Falta de Roteiros e conexão entre eles.

Potencialidades
Espaços de Lazer: piquenique, trilha, passeio de bicicleta, caminhadas e parques infantis
Espaços de Contemplação: trapiches e bancos;
Espaços Culturais e de Preservação;
Fonte de renda para comunidades locais: pesca, gastronomia e hospedagem;

LEGENDA

- Atividades Náuticas Motorizadas
- Atividades Náuticas Não-Motorizadas
- Pesca
- Camping
- Cicloturismo/Mountain bike
- Escalada
- Práticas de Off-road
- Trilha
- Voo livre
- Pontos de Contemplação
- Picos e Morros
- Praias
- Gastronomia
- Museu
- Área de Preservação
- Rotas das Trilhas

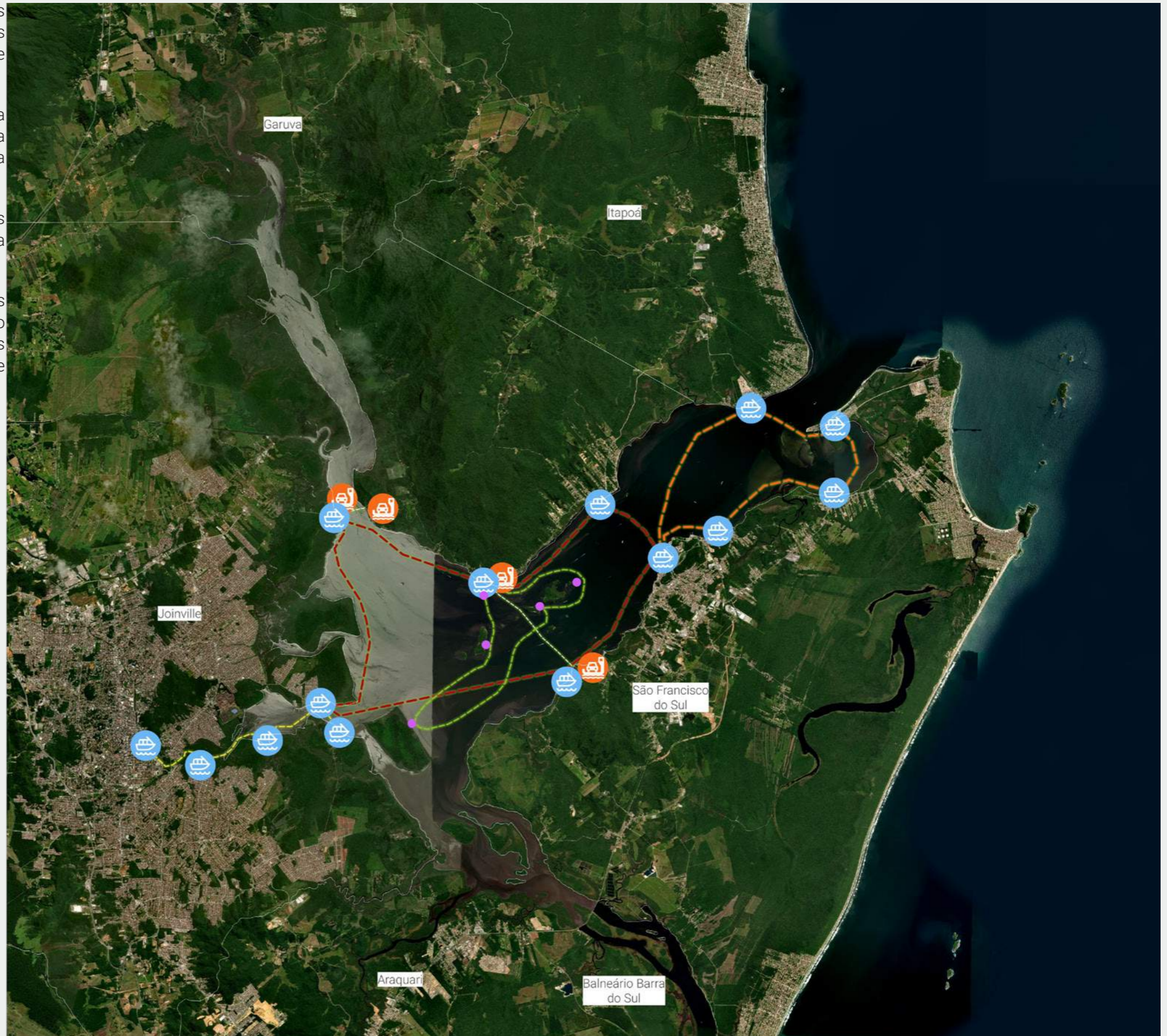
6. Costurar as malhas pedonais, cicloviárias e viárias através e ao longo da Baía, criando rotas integradas de transporte aquaviário, cicloviário e transporte público;
7. Proporcionar espaços e passeios educativos pela Baía com intuito de trazer informações acerca da fauna, flora e a relevância histórica da Baía da babilonga;
8. Criar incentivos para usos alternativos para as ilhas (por exemplo, trazer uso educacional e de pesquisa para a Ilha da Rita);
9. Sinalizar sambaquis e marcar a delimitações dos sítios mais relevantes; criar circuito arqueológico juntamente com o museu com visitas monitoradas aos principais sítios arqueológicos de Joinville e região.

LEGENDA

Proposta para linhas aquáticas

- Linha 1: Joinville e São fra
- Linha 2: São Francisco do Sul e Itapoá
- Linha 3: Bairros Joinville
- Linha 4: Lazer pelas ilhas da baía
- Trajeto Balsa/Ferry Boat Existente
- 🚢 Balsa existente
- 🚢 Ponto de ônibus aquático
- 🟡 Ponto ilhas

Proposta de linhas áquaticas



Parte III - Olhando mais de perto: um estudo de caso sobre a Vigorelli

Justificativa

Com o objetivo de compreender as dinâmicas que acontecem nas bordas da Baía da Babitonga, principalmente em como as pessoas que ali residem, utilizam a Baía no seu cotidiano, optou -se em aproximar a escala para assim melhor compreender essas relações. A escolha da Comunidade Vigorelli se dá pela sua importante ligação com São Francisco do Sul e por ser uma das poucas áreas em Joinville que possui essa relação direta com a Baía.

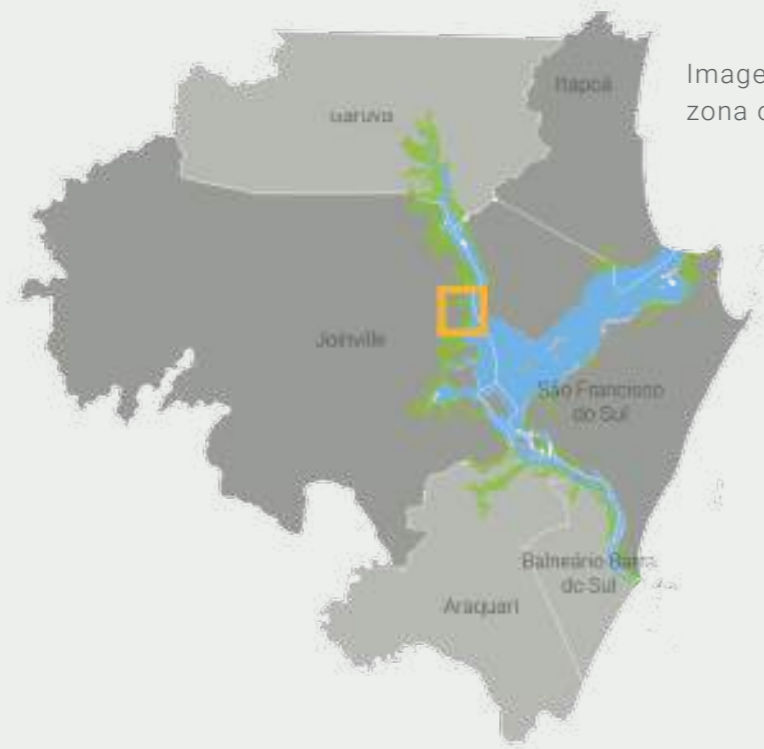


Imagem 1 - Mapa da Área de Estudo em destaque zona onde está localizada a Vila Vigorelli

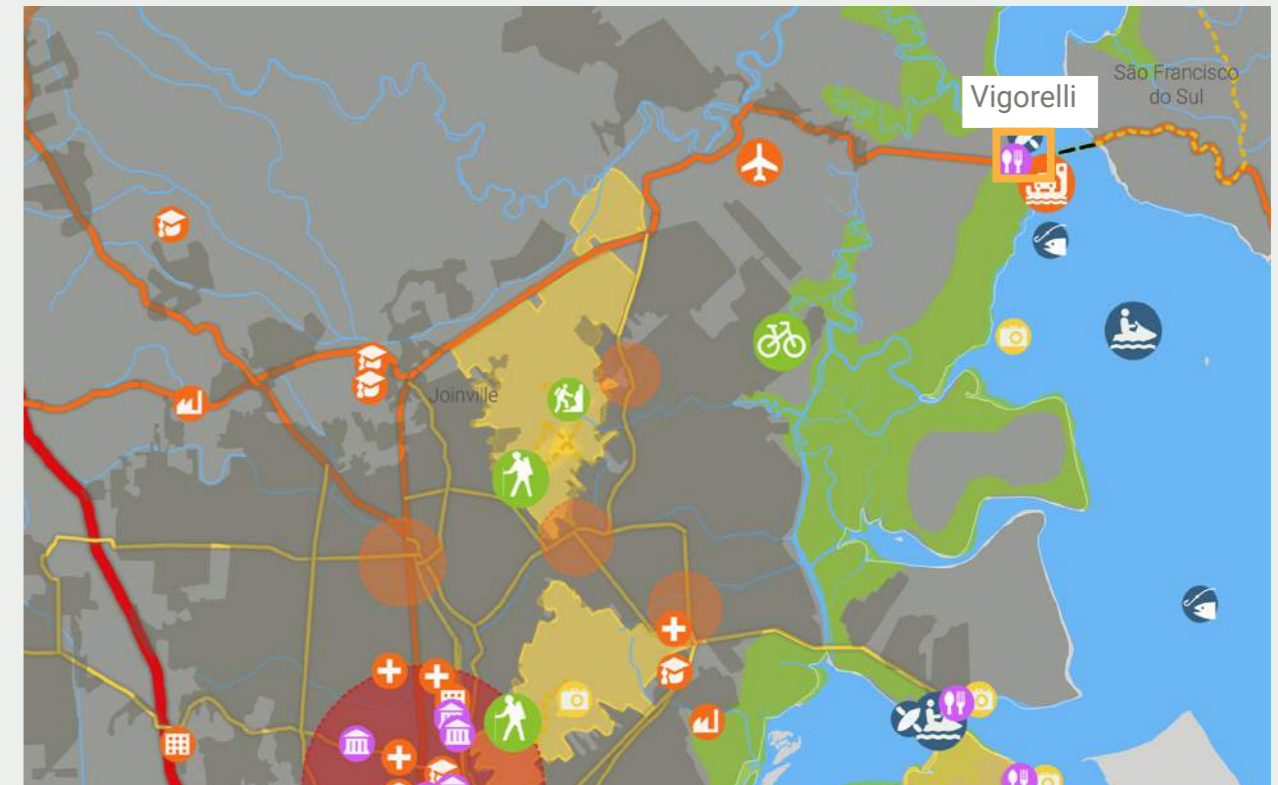


Imagem 2 - Inserção da Vigorelli dentro da cidade de Joinville

A Vigorelli

A Comunidade Vigorelli está inserida no Bairro Cubatão, localizado na região nordeste de Joinville, a cerca de 17km de distância do centro de Joinville, fazendo proximidades com o aeroporto de Joinville e com o setor industrial norte, importante zona geradora de empregos. A comunidade possui a Baía da Babitonga como ponto de observação como atrativo, assim como a gastronomia local, com pratos à base da pesca artesanal, tornando-se um local muito frequentado pelos joinvilenses nos finais de semana. No mês de janeiro é festejado a temporada do caranguejo onde é possível experimentar pratos especiais.

A Vigorelli é procurada também para a prática de pesca esportiva, prática de esportes, como stand up paddle, e para banho, sendo conhecida como a “Praia de Joinville” ou a “Praia da Vigorelli”. O Ponto 1, localizado a 50 metros à esquerda do trapiche, está aprovado para banho, segundo o relatório recente de balneabilidade do Instituto do Meio Ambiente (24/03/2022, IMA). Com a balsa ainda é possível atravessar a Baía e conhecer a comunidade da Vila da Glória, em São Francisco do Sul, ou as praias da região.

Apesar dos grandes atrativos a comunidade enfrenta

dificuldades diversas, como a falta de rede elétrica, água encanada, rede de saneamento básico e transporte público, essas são as principais queixas de quem vive ali, além de não possuir atendimentos relacionados à saúde e não ter nenhum acesso fácil aos pequenos centros comerciais. A energia atualmente é obtida por geradores, a água de poços artesanais, e para quem precisa ir até alguma centralidade precisa andar cerca de 2,5 km de distância até o ponto de ônibus mais próximo.



Imagem 17: Atividade de pesca no antigo trapiche da Vigorelli.



Imagem 18: Banhistas na Vigorelli



Imagem 19: Barco de Pesca



Imagem 20: Homem praticando stand up paddle

A ocupação na comunidade iniciou-se na década de 1970 em decorrência da exploração industrial na cidade de Joinville, foi neste período que uma empresa obteve a concessão da área pela União e iniciou, em 1979, a operação do estaleiro Vigorelli. Os resíduos gerados pela escavação formaram um aterro de cerca de 7 hectares, chamando atenção para a oportunidade de ocupação. Entre os anos de 1970 e 1985, Joinville sofreu com inúmeras invasões clandestinas nas áreas de manguezais na zona leste, isso se deu ao fato do grande número de pessoas que migraram para a cidade em busca dos empregos gerados pela instalação de grandes indústrias. Os trabalhadores chegavam na cidade para o trabalho, mas não havia qualquer estrutura para a sua estadia, o que os levava a construir em áreas de manguezais, pois estas ficavam nas proximidades com o seus novos empregos, tornando-se uma prática muito comum na época, surgindo bairros como os Espinheiros, Boa Vista e Fátima.

Atualmente a comunidade da Vigorelli foi contemplada com a regularização fundiária, depois de 30 anos de impasse judicial, foi entregue aos moradores o termo de Acordo técnico para Regularização Fundiária. Já existem projetos para instalação de água encanada e instalação de rede elétrica e pavimentação da Estrada João de Souza Mello e Alvim.

Segundo dados levantados pela ONG Projetando Felicidade, a comunidade conta com cerca de 192 famílias, sendo 52 crianças. A ong organiza entregas de cestas básicas às famílias mais carentes, oferecendo apoio na cultura, educação e saúde, como aulas de reforço escolar, atendimento odontológico e psicológico e oficinas de capacitação. A principal fonte de renda das famílias que vivem ali provém da pesca, onde o destino do pescado é a venda direta aos restaurantes, a coleta de materiais recicláveis, onde emprega cerca de 40 pessoas e em menor número, comerciantes que atuam nos restaurantes e pequenos comércios.



Imagem 21: Abrigo construído para oferecer aulas e atendimentos à comunidade. Foto: Arquivo Pessoal



Imagem 23: Horta implantada em conjunto com a comunidade. Foto: Projetando Felicidade



Imagem 22: Oficina de Pintura. Foto: Projetando Felicidade



Imagem 24: Consulta odontológica. Foto: Projetando Felicidade

Levantamento da Situação Atual da
Comunidade Vigorelli
Mapa elaborado pela autora.

Espaço sendo
utilizado pelo
coletores de
recicláveis para
armazenamento



Horta comunitária + Abrigo



Ranchos e Galpões para
armazenamento de barcos



Presença de áreas
de esporte e muitas
palmeiras



Vias sem pavimentação, orla é usada pelos
restaurantes que fazem frente, cada um se
apropriando de forma distinta



Balsa chegando na comunidade da
vigorelli para desembarque



Mobilário urbano feito
pelos moradores locais



LEGENDA

- Comércio e Serviços
- Residências
- Galpões
- Restaurante
- Comunitário/Institucional
- Lazer
- Lazer
- Hidrografia
- Vegetação Existente
- Quadras
- Lotes
- Faixa de areia remanescente
- Residências Precárias
- Balsa
- Esporte
- Horta Comunitária
- L Lixeira Comunitária
- Parque Infantil
- Rampa
- * Palmeiras



Tabela de Problemáticas, Potencialidades e Diretrizes para a Comunidade Vigorelli

A elaboração da tabela abaixo foi levantada a partir de percepções pessoais, análises cartográficas e conversas com pessoas que convivem com a região, categorizando nas dimensões de estudo trabalhadas até o presente momento, a dimensão urbana, socioambiental e lazer.

Dimensão	Problemáticas	Potencialidades	Diretrizes
Urbana	<p>Pouca acessibilidade ao local;</p> <p>Não possui linha de transporte público;</p> <p>Sem infraestrutura urbana: energia elétrica, água encanada e saneamento básico;</p> <p>Carência de comércios e serviços;</p>	<p>Conexão com São Francisco do Sul</p> <p>Conexão com a região Norte de Joinville (aeroporto, zona industrial, universidades, comércio e serviços)</p>	<p>Trazer infraestrutura urbana para a área: energia elétrica, água encanada, saneamento básico, linha de transporte coletivo, pavimentação e iluminação urbana.</p> <p>Transformar área em ZPPE - Zona de Proteção Ambiental Passível de Edificação, garantido a permanência da população, mas atribuindo responsabilidades socioambientais</p> <p>Conter a expansão urbana através de cinturões verdes (hortas, paisagismo, equipamentos urbanos)</p> <p>Propor captação de água de chuva</p>
Ambiental	<p>Áreas com descaracterização do mangue;</p> <p>Poluição pela falta de saneamento;</p> <p>Descarte incorreto de lixo;</p>	<p>Água própria para banho (IMA, 2022)</p> <p>Diversidade na flora e fauna;</p> <p>Beleza paisagística;</p> <p>Áreas de Lazer.</p>	<p>Incentivar a atividades socioeconômicas com impacto ambiental positivo. (Centro de Reciclagem de Resíduos Sólidos, compostagem, agricultura urbana/permacultura)</p> <p>Criar projetos dentro da comunidade que contribuam com o fortalecimento dos laços e ajudem na preservação da comunidade e também da natureza;</p> <p>Espalhar totens informativos à cerca da fauna, flora e histórico da Baía;</p> <p>Recuperar áreas de manguezais, e propor áreas verdes no interior da comunidade;</p>
Sociocultural	<p>Pouca estrutura em equipamentos de lazer;</p> <p>Sem equipamentos para a contemplação da Baía;</p> <p>Trapiches em má condição;</p> <p>Não possui local para aluguel de equipamentos ou oferta de passeios;</p>	<p>Baía da babitonga como elemento de contemplação e também como</p> <p>Praia de Joinville</p> <p>Água própria para banho (IMA, 2022)</p> <p>Título de "Praia de Joinville"</p>	<p>Criar centro Comunitário para capacitar a comunidades e ter espaço físico para atendimentos relacionado à saúde e educação;</p> <p>Turismo voltado para a economia local e atividades tradicionais ;</p> <p>Proporcionar a geração de renda da comunidade através da, criação de feiras de pescado e artesanato e promoção eventos culturais, como a temporada do caranguejo</p> <p>Utilizar borda da Baía para equipamento públicos para visitantes e cinturão verde para equipamentos para uso da comunidade local;</p> <p>Destinar faixa de areia para reforçar a identidade de praia;</p>



Mapa de Diretrizes para a Comunidade Vigorelli



Hierarquia das Ruas e Perfis de Rua



- Exclusiva Pedestre
- Via Local
- Via de Integração
- Via Contemplativa
- Via Paisagística
- Redutor de Velocidade
- Zona de grande tráfego

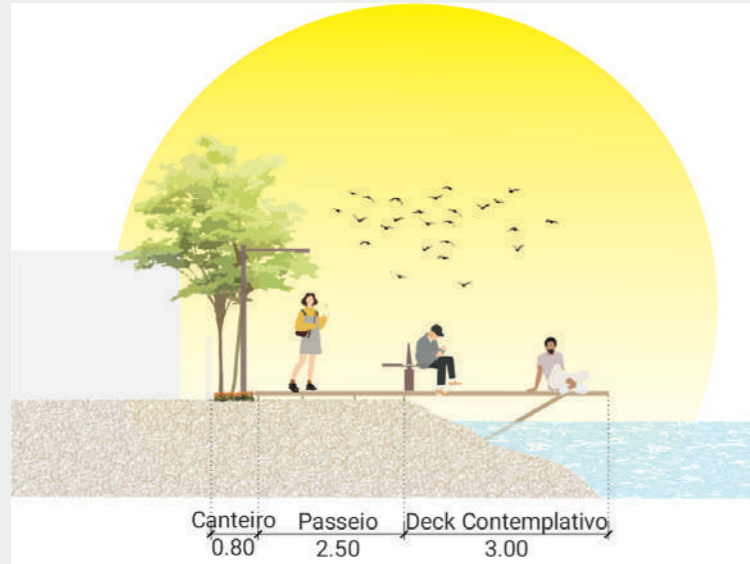
Esquemas para os perfis das ruas

Perfil da Via de Grande Tráfego

acesso a comunidade da vigorelli a receber asfalto, faixa destinada a acostamento e ciclovia

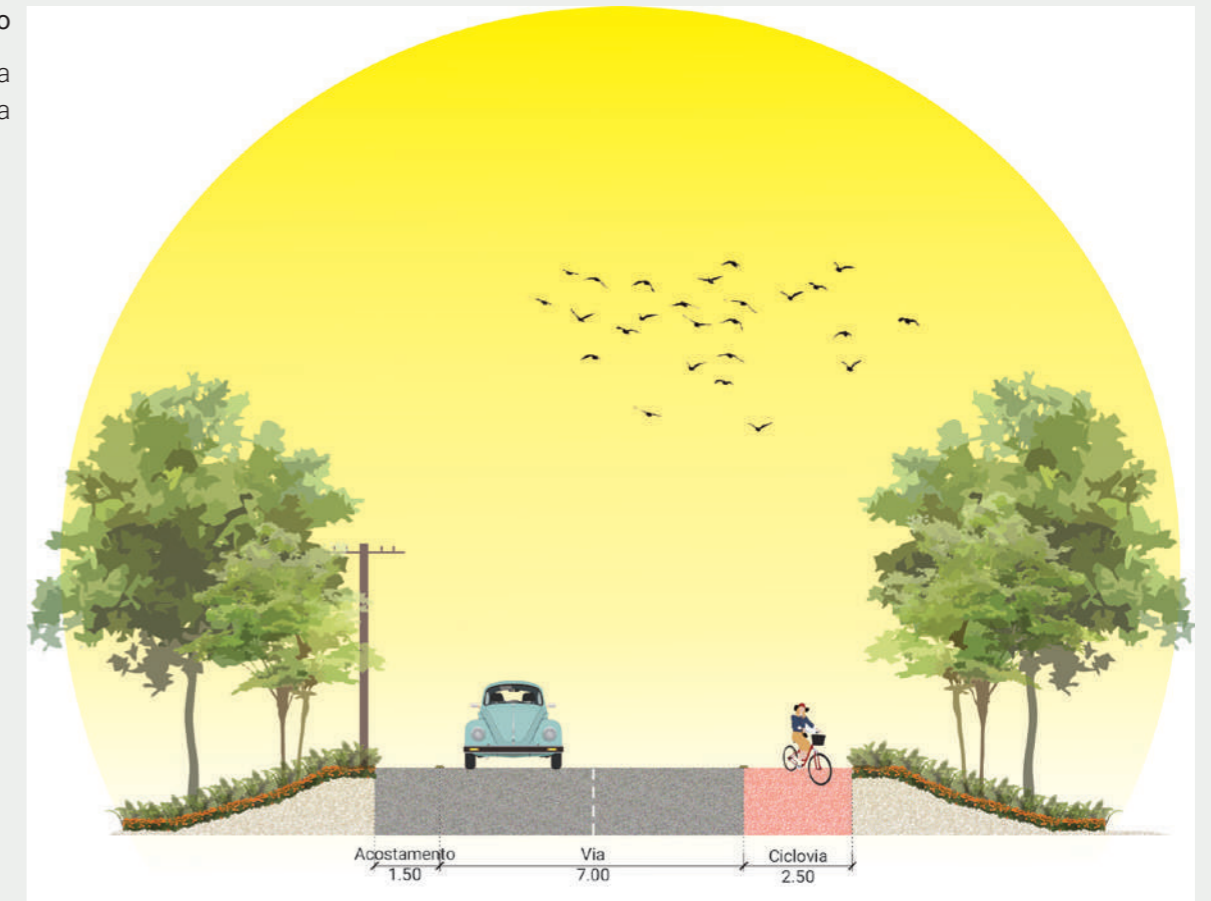
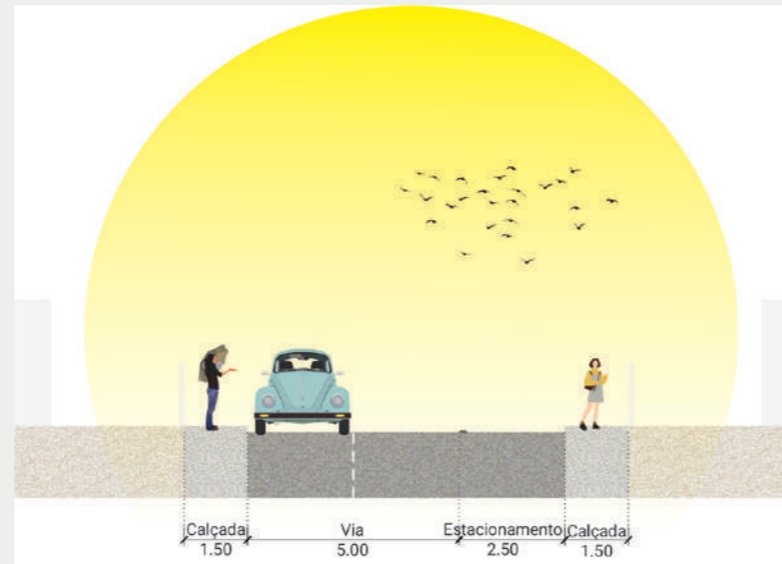
Perfil da Via Exclusiva para pedestres

criar conexões entre as grandes vias oferecendo visual paisagístico, passeio em deck de madeira elevada para proteger a vegetação e ficar a salvo da variação de maré



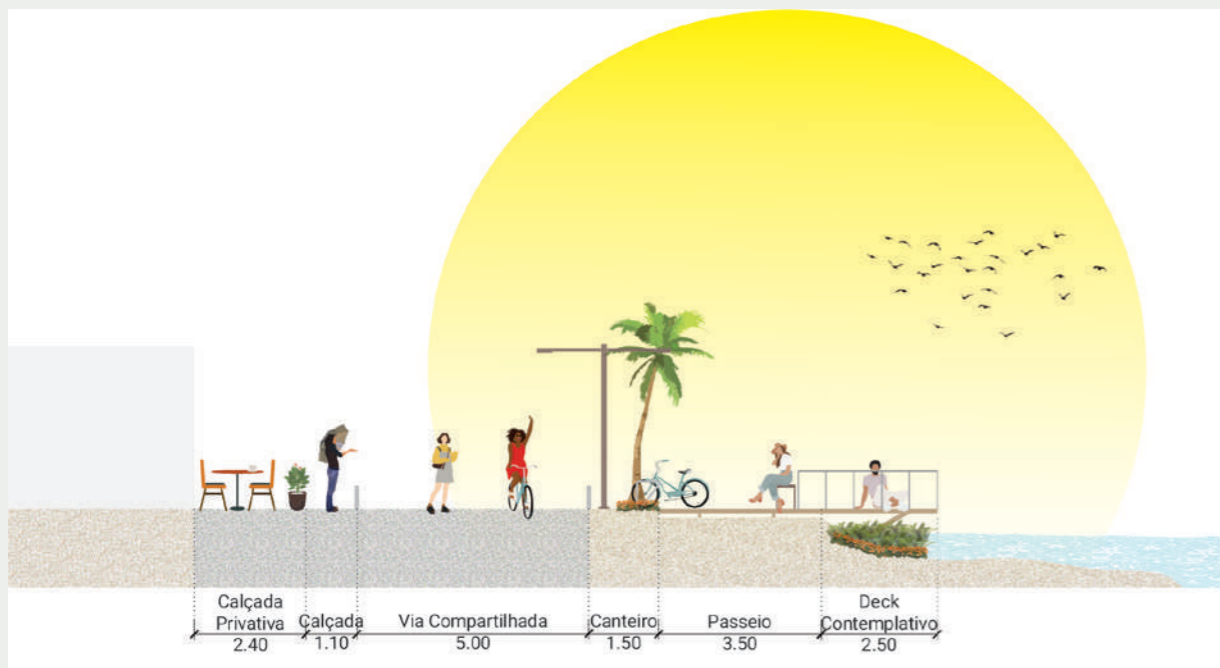
Perfil da Via de Integração

alargar vias para passagem de caminhão de lixo, e quando possível, criar área de estacionamento



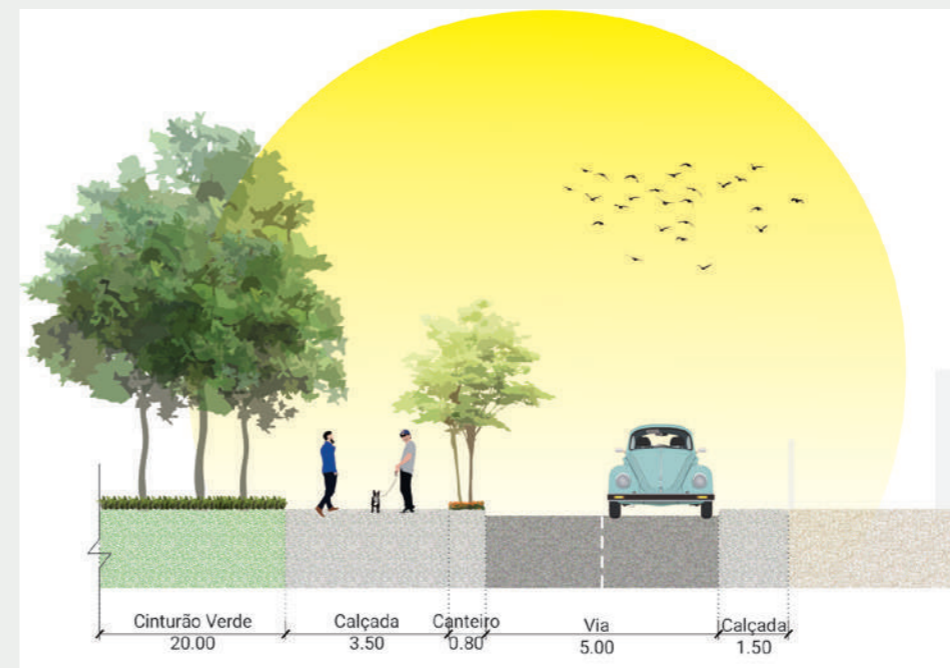
Perfil da Via Contemplativa

via a receber grande percurso de deck elevado para proteger vegetação e mobiliário de estar; via em paver drenante no mesmo nível do deck; espaço destinado a mesas



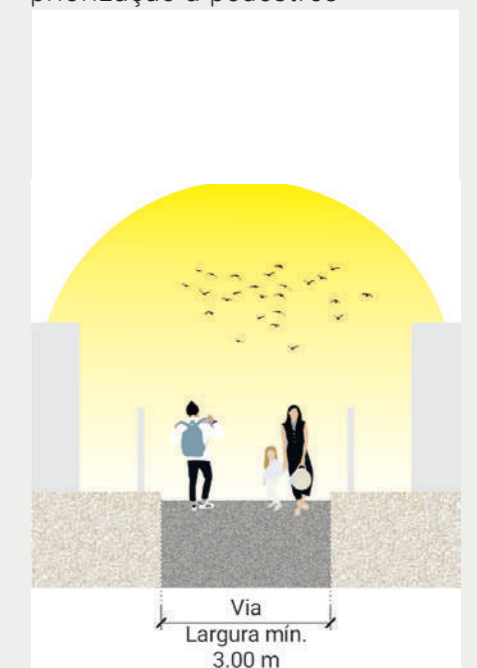
Perfil da Via Paisagística

via que acompanha o cinturão verde, calçada compartilhada



Perfil da Via Local

largura mínima de 3 metros com priorização à pedestres



Mapa de Diretrizes para a Comunidade Vigorelli



Equipamentos destinado aos moradores locais

horta comunitária, academia ao ar livre, praças contendo mesas de jogos, bancos e parquinho infantil, pista de skate e quadras de esporte



Centro Comunitário, Recreativa do pescador, Centro de Reciclagem



Áreas Verdes e de Estar no interior da comunidade



Equipamentos destinados ao público em geral

Atividades náuticas (caiaque, stand up paddle), trapiches para pesca, faixa de areia destinada a banhistas, rampas de acesso ao mar



Praça da Palmeira: equipada com parquinho infantil, bancos e áreas de gramado, destinado a apresentações culturais e exposições



Praça da Feiras, destinado a comercialização de artesanatos e pescados



Mobilidade

Ponto de ônibus, balsa, ponto de ônibus marítimo, ciclofaixa e estacionamento



Informação

Centro de informação ao turista, totens espalhados ao longo da orla com informação a cerca da fauna, flora e histórico da Baía da Babitonga



Ambiências
Propostas

2 | Via Contemplativa



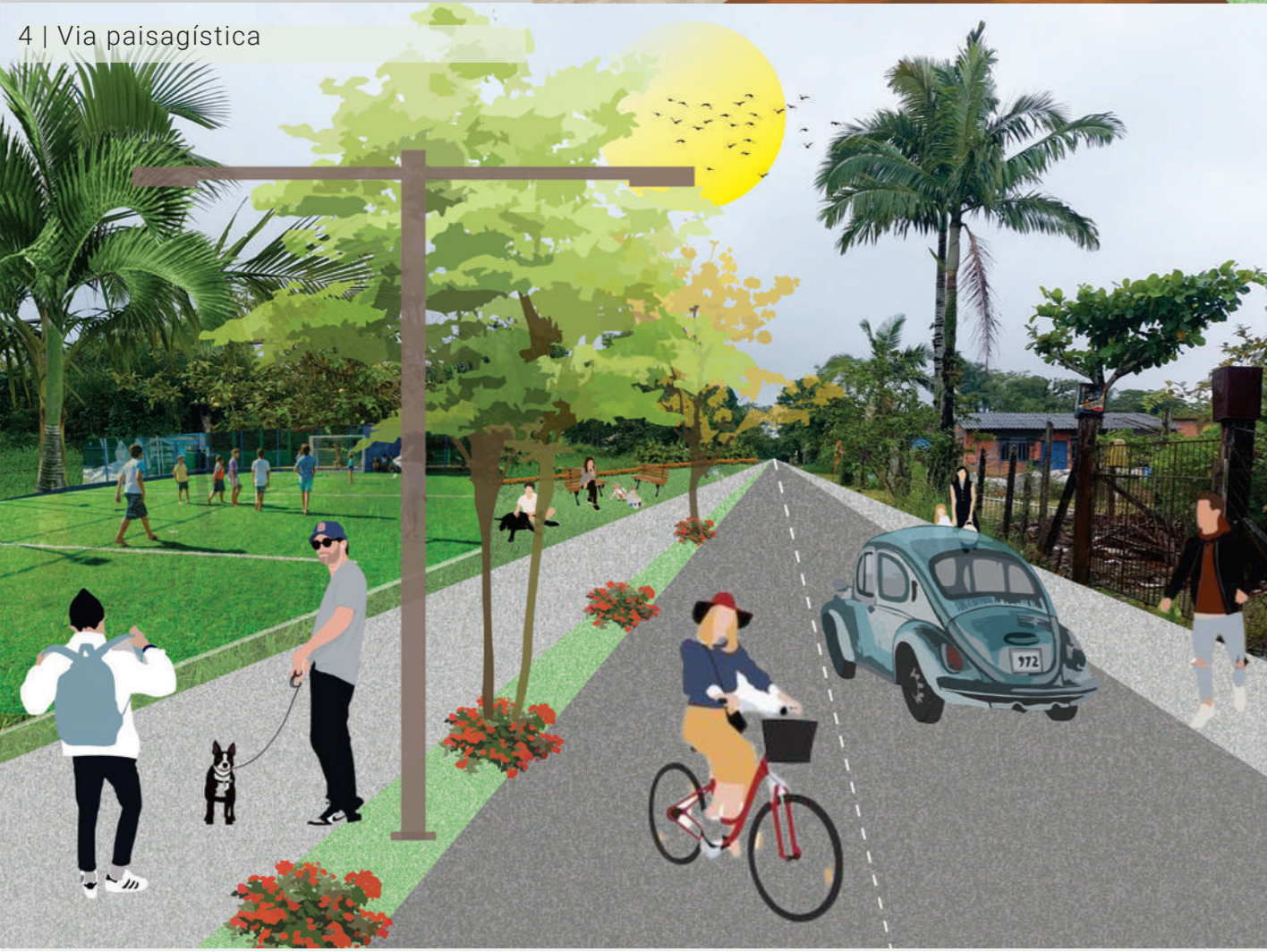
1 | Relação dos restaurantes com a orla



3 | Praia da Vigorelli



4 | Via paisagística



5 | Novo acesso a balsa



Considerações Finais

Trabalhar com esse tema foi muito gratificante, o processo foi de constante descobertas, as visitas feitas ao local, os registros fotográficos, as conversas foram enriquecedoras ao trabalho.

Em uma síntese geral, o trabalho foi capaz de justificar a importância da Baía da Babitonga para o meio ambiental, social e urbano, mas também apresentar as problemáticas e os desafios a serem encarados, principalmente pela falta de aproveitamento do potencial da paisagem que a Baía oferece, os problemas ambientais e a carência de um transporte aquático com mais eficiência que interligue as comunidades entre si. Cada temática apresentada no trabalho é de suma importância, mas destaco o transporte o mais carente de falta de análise nas bibliografias estudadas, a também sobre as comunidades que vivem aos arredores da Baía, que quando citadas só destacam a pesca artesanal. Esses dois assuntos valeriam um aprofundamento para estudos posteriores.

Como antiga moradora da região da Baía da Babitonga, a visão que eu tinha no início desse trabalho era de que minha cidade dava costas à Baía, hoje compreendo que uma pequena população já usufruiu da Baía e a insere no seu cotidiano e que num futuro não tão distante ela vai se tornar cada vez mais presente e importante para uma população muito maior.

Referências Bibliográficas

BABITONGA ATIVA. Diagnóstico Socioambiental do Ecossistema Babitonga. UNIVILLE. 2ª edição, nov./2017

CLIC RBS. Ocupações irregulares. Disponível em: <https://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_ocupacoesirregulares/prai-da-vigorelli.html>

MAIA, Andrei Giovani; XAVIER, Wlamir Gonçalves. A Baía da Babitonga e a formação sócio-espacial do norte e nordeste catarinense. ANPTUR, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, p. 1, ago./2008.

MANGUEZAIS: EDUCAR PARA PROTEGER / Organizado por Jorge Rogério Pereira Alves: FEMAR: SEMADS. Rio de Janeiro, 2001.

MMA (Ministério do Meio Ambiente). Atlas dos manguezais do Brasil. Instituto Chico Mendes de Proteção da Biodiversidade - ICMBio. Brasília, 2018.

MOSER, Liliana. Como o mangue virou cidade:Um estudo sobre condições de vida e a organização institucional do espaço urbano nas áreas de mangue em Joinville/SC. Florianópolis, 1993

PlanMOB (Plano de Mobilidade Urbana de Joinville). 2ª edição, Vol. I. Joinville, 2016

PMGC (Plano Municipal de Gerenciamento Costeiro de Joinville/SC).

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Joinville em Dados. Joinville, 2017 188p.

TIENGO, Rafaela de Paula. Manguezais sob a perspectiva social e econômica. Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Vitória, 2017.